

EDITORIAL

Larissa de Oliveira NEVES

Esse é um ano muito especial para o Grupo de Estudos em Dramaturgia Letra e Ato, porque estamos organizando nosso segundo colóquio internacional. No primeiro semestre lemos em conjunto trechos do livro *O teatro dos mortos*, de Jorge Dubatti, cujo conteúdo sobre a filosofia do teatro e sobre a pesquisa e o pesquisador de teatro instigou diversos integrantes a pensar e repensar metodologias de acordo com as especificidades de suas investigações. O professor argentino, junto a outros convidados, estará presente no II Colóquio Internacional de Dramaturgia Letra e Ato, cujo tema central é voltado para a dramaturgia brasileira e latino-americana, de modo a incentivar um diálogo maior com o que se tem produzido nos nossos países vizinhos.

Os *Cadernos* desse ano revelam a existência no grupo de um olhar inquiridor e curioso sobre a dramaturgia brasileira, que mostra o desafio de estarmos sempre nos debruçando para nossa arte em diálogo com nossa história e com os temas que provocam a necessidade de transformação. Quase todos os artigos abordam o teatro nacional e os que não falam diretamente do Brasil também compõem de maneira harmoniosa esse conjunto, porque trazem elementos de um pensamento sobre dramaturgia que envolve a nossa produção nacional.

O artigo de Cláudia Ferreira procura reavaliar historicamente a primeira encenação da peça *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues, que, por motivos de censura e preconceito, foi realizada com o protagonista negro Ismael sendo interpretado por um ator branco brochado de negro. Isabella Albuquerque analisa a peça *A pena e a lei*, de Ariano Suassuna, demonstrando como o autor dialoga com formas culturais populares por muito tempo consideradas irrelevantes num meio letrado e, ao fazer isso, compõe uma obra de modernidade brilhante. Em seguida o artigo de Lorena Ferreira e Mariana Arantes traz também questões profundas da realidade brasileira, por meio de uma análise da peça *Mata teu pai*, de Grace Passô, que se faz por meio de uma comparação com a peça *Medeia*, de Eurípedes, na qual a peça de Grace se baseia, para tratar das condições atuais da mulher brasileira. Sofia Fransolin descreve em seu artigo o processo de direção da leitura dramática da peça *Um dia ouvi a lua*, de Luís Alberto de Abreu, revelando em breve análise que esse texto também aborda a condição da mulher na nossa sociedade.

Alexandre Silva analisa a construção da dramaturgia *Fauna*, que faz parte da pesquisa ligada intrinsecamente à cena, do grupo Quatroloscinco – Teatro do Comum, na qual o jogo entre realidade e ficção de instaura por meio dos instigadores autobiográficos presentes no texto, numa escritura performática e coletiva. O tema é uma dramaturgia que se constrói e desconstrói, num estilo muito atual. De outra maneira, Igor Nascimento também examina essas possibilidades de fragmentação, na peça *De onde vem o verão*, de Carlos Alberto Soffredini.

A montagem da dramaturgia é analisada em relação com as possibilidades que se dão em montagens cinematográficas, explorando os recursos em uso recorrentes pela cena atual. O artigo de André Carrico aborda a performance contemporânea em diálogo com o teatro popular tradicional, ao analisar a obra *A Fantástica História do Circo Tomara Que Não Chova*, na qual o mamulengueiro Sandro Roberto dos Santos se apresenta sem o toldo que cobre o corpo do manipulador dos bonecos, instaurando assim uma linguagem contemporânea a partir da tradição. Esse diálogo com a tradição no teatro moderno e contemporâneo brasileiro se faz pela revalorização da tradição. Maria Emília Tortorella ressalta a importância dessa tradição, ao trazer em seu artigo a história do circo e do circo-teatro no Brasil e o quanto essa linguagem é relevante para o teatro nacional. Também de viés histórico, o artigo de Larissa de Oliveira Neves traça um panorama das mudanças que as ideias teatrais vêm sofrendo no decorrer do tempo no Brasil, em busca de uma afirmação das linguagens populares.

Os *Cadernos* se encerram com um artigo no qual a obra de Samuel Beckett é analisada, por Isadora Urbano, mostrando sua importância crucial para o teatro ocidental que se fez na segunda metade do século XX, até os dias de hoje. E com um artigo sobre a teoria da dramaturgia contemporânea Marcos Gomes fecha nossos *Cadernos* desse ano.

O volume agrega tanto olhares novos sobre a história como olhares igualmente novos sobre o novo – a dramaturgia de hoje, que se renova e que renova os olhares sobre os temas que nos são caros, modificando a forma de pensar o ser humano e a sociedade.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!